

CURTO-CIRCUITO DO TEMPO LINEAR OU A VIDA REEDITADA: MOBILIZAÇÕES IMAGINAIS NA PROPAGANDA DA NOVA KOMBI

SHORT CIRCUIT OF LINEAR TIME OR LIFE RE-EDITED: IMAGINAL MOBILIZATIONS IN THE ADVERTISING OF THE NEW KOMBI

Heloisa Juncklaus Preis Moraes

Universidade do Sul de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2038-7022>

Elton Luiz Gonçalves

Centro Universitário UniSATC

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0506-8210>

Luiza Liene

Centro Universitário Barriga Verde

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6482-3853>

Kênia Zanella

Instituto Federal Catarinense (IFC)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3842-0472>

DOI: 10.9771/contemporanea.v22i1.62005

RESUMO:

A proposta do artigo é analisar o comercial da Volkswagen apresentando a nova Kombi que circulou nas mídias em 2023 e colocou lado a lado as cantoras Elis Regina, já falecida, e Maria Rita, mãe e filha, por artifício de inteligência artificial. Visamos problematizar as questões, conforme ensina Maffesoli, que epifanizam a vida e a morte, realçando a pós-modernidade como uma mistura orgânica de elementos arcaicos e de outros mais contemporâneos e tecnológicos. A partir desse corpus, pretendemos refletir sobre o mundo imaginal como um conjunto feito de imagens, imaginações, símbolos, que constroem a vida social e que, em curtos-circuitos do tempo linear, reeditam o que já passou, tornando-o presente. Esse cenário, ampliado pelas tecnologias do imaginário, configura a ética da estética pós-moderna. A produção audiovisual, portanto, inscreve-se como um

marco na história da publicidade brasileira, não apenas pela criação estética e impacto emocional, mas também pela sua relevância cultural e capacidade de gerar debates e reflexões sobre o mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Curto-circuito; Imaginário; Inteligência artificial

ABSTRACT:

The purpose of the article is to analyze the Volkswagen commercial presenting the new Kombi that circulated in the media in 2023 and placed singers Elis Regina, now deceased, and Maria Rita, mother and daughter, side-by-side, using artificial intelligence. We aim to problematize the issues, as Maffesoli (2004) teaches, that epiphanize life and death, highlighting postmodernity as an organic mixture of archaic elements and other more contemporary and technological elements. From this corpus, we intend to reflect on the imaginal world as a set made up of images, imaginations, symbols that build social life and that, in short circuits of linear time, re-edit what has already passed, making it present. This scenario, expanded by imaginary technologies, configures the ethics of postmodern aesthetics. Audiovisual production, therefore, is a milestone in the history of Brazilian advertising, not only for its aesthetic creation and emotional impact, but also for its cultural relevance and ability to generate debates and reflections on the contemporary world.

KEYWORDS: Short circuit; Imaginary; Artificial intelligence

INTRODUÇÃO

À medida que a câmera percorre a estrada deserta, uma Kombi moderna e reluzente aparece, é o novo modelo de versão elétrica anunciado em 2023 pela Volkswagen, uma das mais destacadas marcas de automóveis do mundo. Quem a dirige é Maria Rita, musicista brasileira, interpretando as notas de abertura da icônica canção “Como Nossos Pais”, escrita por Belchior. Entre a música envolvente, imagens de arquivo que combinam perfeitamente com a saudade e complementados por um pôr do sol deslumbrante, surge, com um sorriso de pura alegria no rosto, assumindo o volante do modelo clássico da Kombi, Elis Regina, lendária cantora brasileira, falecida em 1982, conhecida por sua voz poderosa e performances apaixonadas. Juntas, mãe e filha, agora compartilham suas vozes em um dueto emocionante, cada uma em suas respectivas Kombis. Maria Rita, no carro ao lado, nos parece radiante, seus olhos brilham com uma mistura de

orgulho e amor. Nesse enredo, o espectador é instantaneamente transportado para uma época diferente, cheia de nostalgia e emoção.

A propaganda audiovisual apresentada pela referida montadora trouxe à vida uma fusão intrigante do passado e do presente, conectando duas gerações, mas um encontro hipotético, fictício e imaginado, que só foi possível - no ano de 2023 - graças ao uso de ferramentas de inteligência artificial. A cena que se apresenta rompe as fronteiras temporais que parecem desaparecer, e o público é convidado a testemunhar a ressurreição digital de uma artista icônica e o encontro intergeracional com sua descendente.

Nossas investigações, objetos de estudo e reflexões teórico-práticas, conduzidos pelo Grupo de Pesquisas Imaginário e Cotidiano (Unisul - CNPq), visam explorar também, entre tantas pesquisas no âmbito sociológico, a mensagem televisiva como expressão das tecnologias de criação de imaginários (Silva, 2003). Maffesoli (2001), preeminente sociólogo francês conhecido por suas contribuições à compreensão de um imaginário na fronteira da pós-modernidade, argumenta que o imaginário é profundamente influenciado pelas tecnologias, destaca a valorização da técnica na experiência humana como fator de estimulação imaginal, sobretudo, nesse momento histórico. Em 2023, os grupos da Rede JIM - Jornalismo, Imaginário e Memória se dedicaram a um projeto de homenagem ao referido autor, que será lançado em 2024, para celebrar seus 80 anos de vida.

Para isso, contextualizamos a análise desse produto audiovisual à luz das elaborações teóricas de Michel Maffesoli. Para o autor, o imaginário pós-moderno abrange, entre muitos contrastes como a modernidade, a revalorização do passado, a mistura de elementos arcaicos e contemporâneos, a valorização da experiência e da sensibilidade. Esse imaginário se alimenta do sentimento de nostalgia, da busca e retorno às origens, da busca de um sentido perdido.

Vislumbramos no comercial da Volkswagen um exemplo paradigmático que encapsula diversos elementos característicos desse contexto pós-moderno, como a ênfase do passado e do presente, bem como uma noção de curto-circuito do tempo linear, dinâmica proposta por Maffesoli.

A pós-modernidade é, também, por meio da lente das teorias maffesolianas, uma época caracterizada pela complexidade e pluralidade da vida contemporânea. Nesse cenário dinâmico, a cultura e a sociedade estão em constante transformação, desafiando

conceitos tradicionais e moldando novas perspectivas. A pós-modernidade se torna um terreno fértil para a reflexão sobre a interseção entre a ética e a estética - ou uma ética da estética. Percebemos ainda, neste estudo do comercial da Volkswagen, na reunião - tecnológica e artística - entre Elis Regina e Maria Rita, para além de um momento de nostalgia e alegria, um motivo relevante de reflexão que não apenas contribuirá para uma compreensão mais profunda da cultura contemporânea e das dinâmicas culturais na pós-modernidade, mas também lançará luz sobre como as tecnologias do imaginário e a inteligência artificial estão moldando - ou podem moldar - nossas percepções do passado e do presente. Além disso, nossa discussão vai ao encontro de questões éticas cruciais que surgem quando o passado e o presente colidem de maneira tão única e inovadora, ou seja, nos questionamos também quão ético é o uso da inteligência artificial para criar representações digitais de pessoas falecidas.

Para orientar nossa investigação, formulamos a seguinte pergunta central: Como o comercial da Volkswagen, que apresenta a nova Kombi e utiliza a inteligência artificial para reunir Elis Regina e Maria Rita, epifaniza conceitos de vida e morte, realçando a pós-modernidade como uma fusão orgânica de elementos arcaicos e contemporâneos, enquanto recria e ressignifica elementos do passado, tornando-os presentes, à luz das teorias de Michel Maffesoli sobre a pós-modernidade e sua abordagem da noção de curto-circuito do tempo linear?

A investigação se justifica na necessidade de compreender as complexas interações entre cultura, tecnologia e sociedade em uma era de mudanças rápidas e profundas. Ao analisar esse comercial da Volkswagen, esperamos lançar luz sobre as dinâmicas culturais que caracterizam a pós-modernidade e fornecer uma contribuição significativa para o campo dos estudos culturais e sociológicos.

Para solidificar a relevância do estudo e enriquecer a análise no âmbito da pós-modernidade, estabelecendo a relevância dos temas integrados, as próximas seções continuarão a explorar os conceitos de ética da estética pós-moderna, a relação entre a inteligência artificial e a construção do imaginário na cultura contemporânea e como esse audiovisual exemplifica a noção de curto-circuito do tempo linear (Maffesoli, 1995; 2003), destaques e contribuições para uma compreensão da pós-modernidade e suas complexas interações entre cultura, tecnologia e sociedade na era contemporânea.

ÉTICA DA ESTÉTICA PÓS-MODERNA

Em Maffesoli, encontramos alguns constructos sobre a pós-modernidade e suas rupturas com a Modernidade. O autor defende a ideia de que a Modernidade e seus modelos chegaram à saturação e que os tempos atuais retomam a preocupação com o doméstico e o cotidiano, a valorização do local. No lugar do dever-ser, a ideia é a valorização do sensível, a comunicação e a emoção coletiva, a ‘ética da estética’.

Na concepção do autor (2005), a ética é um fundamento das sociedades contemporâneas, quando se pensa em coletividade e em estética da vida cotidiana, valorizando principalmente a alteridade e a afetividade entre indivíduos e grupos das sociedades pós-modernas.

A pós-modernidade é definida como um tempo de atuação sinérgica entre o arcaico e o tecnológico, no qual concorrem (correm juntos, do latim *cum-currere*) o real e o virtual, o material e o espiritual, o sagrado e o profano, o natural e o técnico (Maffesoli, 2005). A exemplo disso, o fenômeno internet no mundo contemporâneo, as relações das pessoas com as tecnologias de informação e comunicação no cotidiano (experiências tecnológicas), evidenciam tal ambiguidade, indo, inclusive, além. O autor comenta que em alguns países, entre eles cita o Brasil, que saltariam alguns conceitos de Modernidade em função de nosso pluralismo, ecletismo, nossa integração da natureza na cultura e da cultura na natureza. Esse cenário de elementos tão diversos seria propício para que aqui se desenvolvesse uma espécie de laboratório da pós-modernidade, congregando elementos do antigo, do barroco numa pulsão agregativa da ética da estética.

Para Maffesoli (2005), a estética é a faculdade de sentir em comum, enquanto a sociedade é a faculdade de agregação. Diante das incertezas que fundamentam a cultura dos sentimentos, o autor faz compreender o deslize de uma lógica da identidade, mais individualista, para uma lógica da identificação, mais coletiva. Nesse sentido, a ética seria uma moral sem obrigação nem sanção e a ética da estética seria o fato de experimentar alguma coisa junto, compartilhada, como fator de socialização. Essa partilha social dimensiona, na visão do autor, que todo conhecimento está permeado pelo social, pela realidade do mundo e pelo meio que o cerca. Maffesoli (2005) afirma que o conhecimento deve ser baseado na observação empírica, na compreensão das aparências e na experiência subjetiva. Ele argumenta que o conhecimento que não está em contato com a realidade é inútil e pode levar a erros.

A estética maffesoliana está fundamentada na vida em sua diversidade, no *modus vivendum* e na pluralidade das coisas, no estático e no dinâmico, na paixão e na razão, como expressões da mitologia contemporânea. Isso posto, o imaginário social evoca a interação entre o pensamento e as emoções. O autor também completa: “Coisas que realçam, valorizam, ou, segundo um termo que aprecio, “epifanizam” o real” (Maffesoli, 2005, p. 11). Podemos dizer que sua reflexão busca valorizar o cotidiano, destacando suas qualidades e nuances. Essa abordagem, que ele chama de “julgamento de existência”, contrasta com o “julgamento de valor”, que se concentra na valoração moral. O sociólogo francês defende que essa abordagem é necessária para superar a dicotomia entre a razão e o imaginário, característica da modernidade. Ele propõe uma “hiper-racionalidade”, que é um modo de conhecimento que integra todos os aspectos da experiência humana, incluindo o frívolo, a emoção e a aparência.

O pensamento maffesoliano que perpassa o postulado da ética e da estética pós-moderna discute a dicotomia entre razão e emoção, pois em sua concepção, na contemporaneidade, encontramos um cenário mundial no qual diferentes grupos de culturas e costumes habitam o mesmo espaço sem necessariamente tentar chegar a uma resposta única de princípios racionais sobre qual é a melhor delas. Comenta, ainda, a conjunção de elementos que estabelecem também beleza e harmonia nas relações humanas. A aparência deixa de ser considerada como algo vazio, mas sim como um meio que auxilia no respeito a cada ser humano considerado como parte de um todo, sem o qual este não faria qualquer sentido. Maffesoli (2005) afirma que as relações sociais na contemporaneidade são baseadas na experiência cotidiana, na proximidade e nas emoções. Ele chama essa forma de sociabilidade de “ética da estética”.

A experiência do cotidiano que se projeta na cultura, nas definições antropológicas, na estética quando se dá a junção entre esses elementos, suscita-nos discorrer sobre a ética da estética, pensada por Michel Maffesoli (2005, p. 24):

É isso o que pode servir de pano de fundo à estética e a sua função de ética. O fato de experimentar em comum suscita um valor, é vetor de criação. Que esta seja macroscópica ou minúscula, que ela se ligue aos modos de vida, à produção, ao ambiente, à própria comunicação, não faz diferença. A potência coletiva cria uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades. É, portanto, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum. Ao fazer isso, retomo a concepção que Kant dava à *aisthesis*: a ênfase, sendo colocada menos sobre o objeto artístico como tal, que sobre o processo que me faz admirar esse objeto.

Devido à identificação, as pessoas mais propensas para formações grupais e pela pluralidade de valores que se contrastam, há também a tendência da saturação ou do fim dos valores dominantes, os quais são propagados e mantidos pela maioria. Portanto, compreendemos o local em que a estética e sua função de ética se apoia: na construção de relações sociais e na fluência destas; o estar-junto. Maffesoli (2005) afirma que a interatividade e a interpenetrabilidade dos corpos são duas características importantes da contemporaneidade, argumentando que essas características são baseadas na atração e na corporeidade, que estão cada vez mais presentes em nossas teorias e práticas. Assim, conclui que a interatividade e a interpenetrabilidade dos corpos conduzem a “elaborar um sistema de conhecimento humano baseado no erótico, uma teoria do contato” (Maffesoli, 2005, p. 32). Ele defende que essa teoria poderia ajudar a compreender melhor a contemporaneidade.

A ética da estética maffesoliana se ampara no social, naquilo que a sociedade produz a partir dos atos mais comuns do dia a dia e que ligam a pessoa com o meio. Assim, parece que gestos frívolos ganham muito importância na atualidade. Para Maffesoli (2005; 2008), isso poderia ser traduzido por uma sociologia do sensível, que é uma tentativa de poder encerrar na análise social dos desejos e gestos que não têm tanta força na análise científica na perspectiva cartesiana. De acordo com Moraes (2017, p. 184), a ética da estética é o espírito coletivo da pós-modernidade, sendo que nela, “a diversidade de valores e modos de vida é considerada, estilizada e compartilhada. Reflete-se na arte e no conhecimento produzido na contemporaneidade.”

Com base nos estudos de Maffesoli (2005; 2008), é possível reafirmar uma Sociologia do cotidiano, em que a sinergia entre a razão e o sensível possibilita o alargamento da consciência, sendo reservado o lugar do afeto e do emocional como ferramentas metodológicas da reflexão epistemológica, construindo a compreensão de “unir os opostos: operar conhecimento, e, ao mesmo tempo, perceber as pulsões vitais, saber e poder compreender a existência” (2008, p. 58). Nesse sentido, a pós-modernidade é construída com essa perspectiva de união, de entrelace, de estar-juntos, de convivência entre sagrado e profano, erudito e popular, razão e emoção, corpo e mente, ciência e arte, tradição e tecnologia.

Ao fazer essas considerações sobre a ética da estética em Maffesoli, podemos associá-las ao objeto deste estudo, como fragmento de unir polaridades como a vida e a morte, revisitadas pelo aparato da inteligência artificial, que possibilita a interação entre campos

nunca pensados. Como já nos apresentou Moraes (2017, p. 187) em outras análises sobre o imaginário pós-moderno, “a criação imaginal para uma partilha do sensível é marca da socialidade contemporânea.”

Esse panorama de possibilidades coloca em evidência a compreensão distendida sobre a necessidade de união entre o saber especializado e o conhecimento de mundo, evocando uma estreita relação entre o ser humano, o social e a natureza. Trata-se de um campo muito promissor para a experiência estética e cultural, aqui entendidas como dimensões indispensáveis da organicidade social.

O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO TECNOLOGIA DO IMAGINÁRIO

A imagem é religante, diria Maffesoli (1995), nos conduzindo ao sagrado, fé sem dogma, mas que permite a comunhão com os outros. Objetos-imagem que nos seduzem, como totens, não por si mesmos, mas pela energia coletiva que propiciam na apreciação: dialética inanimado-animação. Ética da estética pós-moderna, como vimos anteriormente.

Seguindo com o autor, buscamos a ideia de impassibilidade (*apatheia*): um estado de paixão, espírito de entorpecimento que, para o sociólogo francês, parece ser essa potência mágica da imagem reacendida na pós-modernidade. Imagem que coloca em cena o presenteísmo: sequências de tempo reduzidas. “É isso o presente, é isso o objeto ou a imagem enquanto tempo que se contrai no espaço” (Maffesoli, 1995, p. 132). É esse movimento, da história, que se sedimenta em imagens, um tempo que se contrai.

A imagem então, nas discussões do sociólogo, é um “concentrado do mundo”, quando tempo ou histórias se espacializam, a exemplo do comercial analisado. O passado presentificado. Tecnologias do imaginário como a publicidade (e agora a inteligência artificial) potencializando a ética da estética, permitindo unir o passado ao presente, bem como gerações em imagem. É um “Instante eterno que, em um relâmpago, exprimi o cosmo em sua totalidade. É isso que engendra a fascinação, a impassibilidade de que se fala” (Maffesoli, 1995, p. 138). Talvez esse seja o motivo de tanta mobilização social acerca da propaganda da Volksvagem: trouxe à tona emoções, positivas e negativas, que serviram para identificações e vínculo.

A discussão ganha conversação social quando as imagens de ficção parecem tomar espaço na vida cotidiana. Aquilo que era possível pelas narrativas de ficção científica apenas,

entram na pauta social e nos exercícios de testagem dos mecanismos disponíveis: maravilhamento para uns, ferramenta técnica para outros e desconfiança e crítica para outro tanto. Em nosso caso analisado, Elis Regina, símbolo da MPB, já falecida, é trazida à vida ao compartilhar a cena com sua filha, a cantora Maria Rita. É o dueto que transcende a morte e traz Elis novamente. Toda a cena é tornada presente. Inteligência artificial em ação. Porém, a discussão é antiga, rege a própria condição humana: como vencer os semblantes do tempo? O imaginário sempre foi a resposta (e, pelo que parece, atualizando suas estratégias com sucesso).

Nos estudos do imaginário, especialmente formulados por Durand (2002), dizemos que o ser humano concebe imagens e narrativas, estruturadas em símbolos e mitos, na tentativa de eufemizar a angústia posta diante da consciência da passagem do tempo rumo a uma finitude existencial. Logo, qualquer produção humana emerge do imaginário, que é reservatório de toda representação humana, bem como motor de suas criações. Essas imagens vão fazendo a mediação com a realidade a partir dos sentidos atribuídos, em constante intermediação entre as pulsões subjetivas e as intimações do meio socio-cultural, noção de trajeto antropológico proposta pelo autor, estando a imaginação na base de toda produção poética humana. Nesse sentido, Pitta (2017) enfatiza que é a imaginação simbólica que nos permite ir além da realidade material objetiva. É possível sonhar, epifanizar, eufemizar.

As ligações simbólicas vão sendo carregadas de sentido e dando força à ética da estética da qual Maffesoli nos instrui. Nessa ambiência, os sentimentos arcaicos confluem com o desenvolvimento tecnológico. Ao discutir a essência da técnica, Moraes (2011) destaca que “o ambiente virtual é uma ferramenta de que dispomos... Os jovens pós-modernos já são formados, em termos de conhecimento, linguagem, imaginário e socialidades em função dessa realidade sociotecnológica que aí está” (p. 550). Somos interpelados pela técnica e a regulamos pelo uso.

Assim, a essência da técnica é aquilo para o que ela se dispõe, o que acaba sempre nos interpelando e nos transformando. O comercial da Kombi com elementos produzidos por inteligência artificial interpelou a sociedade, especialmente ganhando engajamento pelas redes sociais. Além das emoções de nostalgia, gerou uma discussão ética com repercussão na agência reguladora. Segundo matéria do portal UOL (Moreno, 2023), o Conar - Conselho Nacional de Autorregulação publicitária entrou com uma representação ética contra a propaganda, por meio da Volkswagen e da agência publicitária AlmapBBDO, criadora da

peça, alegando respeito à personalidade da artista e questionando a possibilidade de confusão entre ficção e realidade pelos espectadores e a legitimidade do uso de inteligência artificial na produção. Ainda de acordo com o portal, a iniciativa foi motivada por reclamação dos consumidores. Contudo, o colegiado da segunda Câmara do Conselho de Ética do CONAR, em agosto de 2023, pela representação n.134/23, tomou a decisão pelo arquivamento da ação: “O colegiado considerou, por unanimidade, acompanhando parecer do relator, improcedente o questionamento de desrespeito à figura da artista, uma vez que o uso da sua imagem foi feito mediante consentimento dos herdeiros e observando que Elis aparece fazendo algo que fazia em vida”. A decisão foi pontuada por tratar-se de caso em que há ausência de regulamentação específica acerca do uso de IA generativa pela publicidade.

A imagem, e todo seu simbolismo e narrativa, como vetor de escolha, de presença e que epifaniza o real. Talvez esse seja o jogo mais experimentado da inteligência artificial circulante nas ambiências virtuais: testar formas, testar imagens, testar cenários, um hedonismo presenteísta e mágico. Inclusive, ao que parece, unindo passado e presente: a organicidade que mantém os elementos contrários que é marca da pós-modernidade, segundo Maffesoli (2001). Imago mundi já apresentou o sociólogo francês, ao apresentar as possibilidades de reprodução terrestre de um modelo transcendente. Tal como vencer a morte, imortalizar-se em imagem inserida no presente.

Cabe a nós perguntar se as produções por inteligência artificial darão forma à socialidade contemporânea. Maffesoli (2005) enfatiza que a forma é formante, pois o jogo da aparência das coisas, longe de ser algo superficial, permite compreender o conjunto social, “pois suas diversas modulações, por aglomeração, por sedimentação, vão, num certo momento, determinar o ambiente da época” (p. 141). O formismo seria, então, a cultura num dado momento, em um jogo entre as formas estáticas articuladas com as dinâmicas.

O ambiente pós-moderno, para Maffesoli (2005, p. 193), é a tipificação barroca, “consequência da prevalência do ambiente e da aparência”, ao que chama de presenteísmo, que faz a sinergia do arcaico e do contemporâneo. Ademais, ainda de acordo com o autor, os períodos barrocos celebram a vida, mas também enfatizam a morte, que se coloca onipresente. “Eis um paradoxo esclarecedor: difundindo-se, inscrevendo-se no concreto, a morte, maiúscula ou minúscula, não deixa de fortalecer a vida, e de produzir uma efervescência fundadora” (Maffesoli, 2005, p. 215). Junto disso, por meio do desenvolvimento tecnológico, busca alternativas de se mostrar. Retorno do trágico nas

sociedades pós-modernas promovendo instantes eternos: a força das coisas no presente (Maffesoli, 2003). O palco da celebração do devir humano é o cotidiano.

A NOÇÃO DE CURTO-CIRCUITO DO TEMPO LINEAR

Em muitos momentos, ouvimos de outras pessoas e até de nós mesmos que podemos pensar e sentir o desejo de “voltar no tempo” ou “parar o tempo” para reviver ou eternizar momentos que nos tocam profundamente, que nos confortam da angústia existencial e nos fazem esquecer, pelo menos por alguns instantes, da lembrança de que não somos eternos aqui neste mundo.

A partir da noção de *Homo Symbolicum* (Cassirer), em uma jornada de desafios, descobertas, transformações, conquistas e até mesmo algumas frustrações, buscamos sempre um sentido para nossas vidas, pois o real é singular e único, na visão de Almeida (2019), ele simplesmente é. A nossa realidade é constituída de imagens e símbolos que dinamizam nossa existência e que sem eles viveríamos em um vazio, em um mundo cinza, em uma concepção moderna de que o passado e o presente são tempos em que devemos edificar o futuro, tempos lineares e seguros, e o restante torna-se incerto, frívolo, desprezível, fútil e inútil.

Quando a morte nos surpreende (aquela da qual tanto nos blindamos em nossos imaginários), levando de nosso convívio pessoas que amamos, o desejo de voltar a ter esses momentos juntos pairam em nossas mentes. Ou até mesmo, ter um gostinho do que seria a convivência com as pessoas que não conhecemos ou que passamos pouco tempo juntos, separados pela passagem desse ente querido.

Nesse átimo, mais do que qualquer outro, pensamos no quanto poderíamos ter aproveitado ainda mais esses instantes que não voltam mais, a não ser em nossas memórias afetivas. Mais do que nunca, pensamos que poderíamos ter enaltecido, nas palavras de Maffesoli (1995, 2003, 2005), o “presenteísmo”, que é a valorização do presente, o sentimento de pertencimento e compartilhamento comunitário, resultando em um “sim à vida”, transformando cada fragmento temporal em “instantes eternos”, partilhados com quem amamos em um intenso *carpe diem*, assim como a ideia de tempo policromático da pós-modernidade nos ensina.

No caso do comercial da Volkswagen, Maria Rita pôde contracenar com sua mãe, falecida quando ela ainda era muito pequena. O passado retornou ao presente por meio da

inteligência artificial, promovendo uma ruptura no tempo. Essa possibilidade do reencontro maternal desafia nossas noções convencionais de vida, morte e conexão. O luto pode ser avassalador para muitas pessoas em diversas culturas e sociedades e com a IA podemos ter a oportunidade de rever rostos e expressões, ouvir as vozes e até mesmo interagir, como se a pessoa nunca tivesse partido. Mistura entre tecnologia, mundo imaginal e o sensível.

A linha entre as coisas reais e a simulação, por meio da inteligência artificial, está cada dia mais tênue. Ao mesmo tempo em que amedronta, ela seduz, ao passo que vislumbra diversas possibilidades, inclusive a de ressurreição digital¹, acalentando diversos corações saudosos. Nesse cenário, presenciamos um retorno ao passado, como se o tempo não tivesse se findado. Presente e passado se fundem em uma nova percepção da noção de tempo.

Aliás, em relação ao tempo, sabemos que é uma árdua tarefa tentar entender a sua concepção, devido a sua complexidade, a ótica de cada área do conhecimento e a sua aplicação na realidade. Cientistas, historiadores, antropólogos e filósofos mostraram seus contrapontos, suas críticas e expuseram suas mais variadas noções de tempo. O tempo físico, por exemplo, observa o comportamento ou o estado de mudança das coisas.

Isaac Newton indicava a concepção clássica de tempo absoluto, sendo esse um pensamento objetivo e universal, o qual flui uniforme e constantemente, independentemente de qualquer fator externo. A Teoria da Relatividade de Albert Einstein contesta e indica que o tempo pode variar conforme velocidade e gravidade, assim, dependendo das condições de observação.

Para a filosofia moderna de Kant e o conhecimento sensível, o tempo concentra-se no sujeito e na consciência e, para ele, o tempo fora do sujeito se reduz a nada. Portanto, “o tempo não é um conceito discursivo ou, como se diz, um conceito universal, mas uma forma pura da intuição sensível” (Kant, 2001, A32). Nesse sentido, trata-se de uma condição humana subjetiva e intuitiva.

O tempo, na visão de Santo Agostinho - filósofo Patrístico da corrente filosófica cristã - pode ser dividido em três: “o presente das coisas passadas, o presente das presentes, e o presente das futuras” (Agostinho, 1980, sem página). Para ele, o passado não existe, pois suas memórias são vivenciadas no presente, da mesma maneira como a expectativa de um futuro que também não existe, a não ser a sua esperança sentida no presente.

Assim, temos o “tempo da alma”, persistente, em que passado, presente e futuro só existem em nossa mente, diferente do “tempo do mundo”, que é a instantaneidade do real e dissipa-se no momento em que é.

No imaginário, o tempo transcende seu significado linear, cartesiano e singular do ocidente. Na pós-modernidade, ao mesmo tempo que os avanços tecnológicos e a momentaneidade das informações emergem de forma rápida, a ideia de barroquização do mundo, de orientalização, da volta dos valores arcaicos e de valorização do presenteísmo se fazem presentes, provocando, dessa forma, uma aceleração e multiplicidade de tempos simultâneos (culturais, sociais, históricos) que podem desestabilizar a nossa compreensão tradicional do tempo, um curto-circuito do tempo linear, na expressão de Maffesoli (2005).

Nesses escritos, cabe-nos mostrar a noção de curto-circuito do tempo linear, que seria essa desordem do tempo cronológico, do tempo dos ponteiros do relógio, da metódica cartesiana e da modernidade. Isso tudo nos transporta para a pós-modernidade, a qual, de acordo com Maffesoli (2003), nos reconduz ao qualitativo da existência, redinamizando o mundo e favorecendo sua contemplação. A lentidão e até mesmo a interrupção do tempo dão ritmo e reanimam nossa presença no mundo.

No imaginário, o tempo é uma construção subjetiva. O curto-circuito do tempo nos remete à noção de duração, qualificando o tempo como inclusão de experiências, de sentimentos, de sensações e provocando sua extensão dimensional, que não se finda, nos proporcionando instantes eternos. No comercial aqui analisado, a ruptura no tempo é observada no encontro de gerações, de vida e de morte, na ressurreição digital promovida pela IA.

Desse modo, nesse caso, a revolução da inteligência artificial pôde proporcionar a vivência do passado no presente, em que as memórias, tanto da cantora Maria Rita, do pouco tempo que passou com sua mãe, quanto do público que pertencia à época da cantora Elis Regina, acompanhando sua ascensão profissional e sucesso na música popular brasileira, reverberaram e provocaram uma efervescência contemporânea.

Assim, pode-se adentrar à ideia de curto-circuito do tempo linear, de Maffesoli (2003). Noção essa que provoca uma ruptura ou um desafio na concepção do tempo da modernidade. Na pós-modernidade, passado e presente se entrelaçam de maneira fluída e imprevisível, revivendo e reinserindo experiências do passado, construindo uma sensação de eterno retorno. Um transbordamento de sentimentos em um exemplo de eterno retorno

aos que conheceram Elis Regina, aos que acompanharam sua carreira, aos que eram seus fãs e aos seus familiares, ao vê-la cantando novamente nesse contexto contemporâneo. A vida foi reeditada pela inteligência artificial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: VIDA REEDITADA

Na pós-modernidade, passado, presente e futuro se encontram em uma trajetória urobórica, como diria Gilbert Durand, rompendo a evolução linear (*apud* Maffesoli, 2003). O amálgama de elementos arcaicos (a voz e a imagem de Elis) e contemporâneos, a tecnologia *deep fake*, Maria Rita, engendra o curto-circuito temporal, revelando um mundo imaginal, repleto de imagens e símbolos que desenham a vida social. O exemplo da voz e da imagem de Elis Regina, reconstituídas pela tecnologia *deep fake* e em conjunto com sua filha é um exemplo emblemático desse curto-circuito temporal.

A volta desse símbolo icônico do Brasil, pela sua bela e inconfundível voz e também pela sua figura ativista pelos ideais de uma época, evoca memórias, emoções e sentimentos dos mais variados. Muitas críticas relacionadas à ética e a questões políticas emergem nesse sentido. Entretanto, apesar dessas ponderações, cabe-nos aqui a análise sob a perspectiva do imaginário e suas mobilizações em torno desse encontro do arcaico e do contemporâneo. A tecnologia reeditando nossas relações com o passado, presente e futuro.

O mundo imaginal é capaz de reeditar o passado e torná-lo presente. Imagens e narrativas arcaicas continuam influenciando nossas vidas. Isso pode ser observado em diversos acontecimentos que marcam nosso cotidiano, como nos rituais, nas festas e nas comemorações, entre outras manifestações. Com a tecnologia, o mundo imaginal pode ser “transmitido” com uma incrível facilidade, por meio de sons, imagens e até mesmo gostos e aromas.

O *deep fake* é, certamente, uma curiosidade e um avanço tecnológico importante e fascinante. Há alguns anos (na época de Elis Regina, por exemplo), quem imaginaria que seríamos capazes de promover uma “ressurreição digital”, reconfigurando a maneira como o ser humano lida com a morte e o luto? Entretanto, há uma transcendência, um transbordamento de significados, como diria Silva (2020). A inteligência artificial pode nos proporcionar, por meio do mundo imaginal e do sensível, símbolos poderosos que

podem conectar pessoas em torno de interesses comuns. Ainda, como citado anteriormente, pode suscitar discussões sobre dilemas éticos e filosóficos.

Essas tecnologias, inteligência artificial e a utilização do *deep fake*, materializam a noção de reedição e reintrodução de eventos, ideias e experiências do passado, tornando flexível a linearidade do tempo. A ressurreição digital é um exemplo do curto-circuito do tempo linear, transcendendo as barreiras temporais. O comercial suscitou o curto-circuito do tempo, transformando-o em duração, em “tempo einsteinizado”, que se contrai no espaço, espacializa-se, mostrando toda a sua flexibilidade e eterno retorno. Por meio dele, pode-se desfrutar passivamente do mundo, qualificando-o.

Podemos dizer, portanto, que o comercial da Volkswagen, que colocou lado a lado mãe e filha, ícones da música brasileira, de diferentes gerações, uma viva e a outra morta, provocou, por meio da inteligência artificial, uma ruptura no tempo. Esta que, por sua vez, ensinou uma ética da estética, “ou seja, um laço social baseado em emoções comuns, sentimentos compartilhados, afetos postos em jogo na cena pública” (Maffesoli, 2003, p. 68). Um curto-circuito do tempo linear, reeditando a vida.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ALMEIDA, Rogério. O pensamento trágico de Clément Rosset. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, v. 12, n. 1, p. 11-37, 2019. Disponível em: O PENSAMENTO TRÁGICO DE CLÉMENT ROSSET | TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência (ufrj.br). Acesso em: 24 abr. 2024.

CONAR. **Volkswagen e Almapbbdo - VW Brasil70: O novo veio de novo**. Representação nº:134/23. [s. l.]: CONAR, 2023. Disponível em: <http://www.conar.org.br/processos/detcaso.php?id=6354>. Acesso em: 27 nov. 2024.

DAMICO, Gustavo Fortunato. **Ressurreição digital**. Curitiba: Gedai, UFPR 2021.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das Aparências**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. Inteligência coletiva: o ciberespaço como retrato da sociedade ou uma discussão da ética da estética. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 18, n. 2, p. 542-556, 2011, pp. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551008013>. Acesso em: 18 set. 2023.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis Moraes. Os youtubers e as relações de identificação e projeção no imaginário infanto-juvenil contemporâneo: discussões a partir da ética da estética. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75740>. Acesso em: 20 set. 2023.

PITTA, Danielle P. Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. 2.ed. Curitiba: CRV, 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. Cinco versões de imaginário. **Memorare**, v. 7, n. 3, p.9-14, 2020. Disponível em: Cinco versões de imaginário | Revista Memorare (animaeducacao.com.br). Acesso em: 24 de abr. 2024.

MORENO, Thiago. Propaganda da Kombi com Elis Regina pode lançar desafio ético para a VW. **UOL**, 11 jul. 2023. Disponível em <https://motor1.uol.com.br/news/676319/propaganda-kombi-elis-regina-vw/>. Acesso em: 20 set. 2023.

NOTAS

1. Refere-se aos projetos em que artistas já falecidos são recriados, trazidos à vida, por meio de tecnologia computacional, a fim de proporcionar ao público a impressão (experiência) de que estão diante do próprio artista recriado e de obras novas (Damico, 2021, p.12).

SOBRE OS AUTORES

HELOISA JUNKLAUS PREIS MORAES doutora em Comunicação Social pela PUCRS, docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Bolsista de Pesquisa do Instituto Ânima. Líder do Grupo de Pesquisas Imaginário e Cotidiano. E-mail: heloisapreis@hotmail.com

ELTON LUIZ GONÇALVES doutor em Ciências da Linguagem pela UNISUL, pós-graduado em Design Gráfico UFSC/SATC, professor do Centro Universitário UniSATC nos cursos Design, Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Pesquisador do Grupo Imaginário e Cotidiano. E-mail: eltonluizgoncalves@gmail.com

LUIZA LIENE BRESSAN DA COSTA doutora em Ciências da Linguagem pela UNISUL, docente do Centro Universitário Barriga Verde, pesquisadora do Grupo Imaginário e Cotidiano. E-mail: luizalienebressan@gmail.com

KÊNIA ZANELLA doutora em Ciências da Linguagem pela UNISUL, docente do Instituto Federal Catarinense (IFC), campus Sombrio. Pesquisadora do Grupo Imaginário e Cotidiano. E-mail: kenia_zanella@hotmail.com

Artigo recebido em: 20 de junho de 2024.

Artigo aceito em: 27 de novembro de 2024.